

espaço ibero-americano
espacio iberoamericano

Prioridade à educação



Jorge Werthein,
ex-representante da UNESCO
no Brasil e vice-presidente
da Sangari Brasil, avalia o
cenário educacional no país

O último resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), divulgado recentemente, dividiu opiniões no Brasil. Para uns, significou avanços. Para outros, atestou o atraso do país perante os demais da América Latina. Mas o im-



Prioridad a la educación

Jorge Werthein,
ex-representante de
la UNESCO en Brasil y
vicepresidente de Sangari
Brasil, evalúa el escenario
educacional en el país

El último resultado del Índice de Desarrollo de la Educación Básica (Ideb), divulgado recientemente, dividió opiniones en Brasil. Para algunos, significó avances. Para otros, certificó el atraso del país frente a los demás de Latinoamérica. Ahora lo importante, según el ex-representante de la UNESCO en Brasil y vicepresidente de Sangari Brasil, Jorge Werthein, es reconocer los avances y los esfuerzos que han sido hechos en busca de la mejoría de la educación. “No obstante, no se puede bajar la guardia y descansar. Es preciso tener conciencia de que aún hay mucho por hacer”, afirma. Para avanzar, él cree que es preciso dar, de facto, prioridad a la educación. ¡Corrobore!

Jorge Werthein, ex-representante da UNESCO
no Brasil e vice-presidente da Sangari Brasil //
Jorge Werthein, ex-representante de la UNESCO
en Brasil y vicepresidente de Sangari Brasil

portante, segundo o ex-representante da UNESCO no Brasil e vice-presidente da Sangari Brasil, Jorge Werthein, é reconhecer os avanços e os esforços que têm sido feitos em prol da melhoria da educação. “No entanto, não se pode deitar sobre os louros. É preciso ter consciência de que ainda há muito por fazer”, afirma. Para avançar, ele acredita que é preciso dar, de fato, prioridade à educação. Confira!

Segundo a UNESCO, o Brasil está na média do desempenho da América Latina em educação. Com as exceções de Cuba e Chile, os demais países da região enfrentam desafios semelhantes. A que o senhor atribui isso?

De fato, o Brasil está na média da América Latina em termos de educação. Há indicadores diferentes, como a taxa de analfabetismo, por exemplo. Mas a maioria dos países latino-americanos enfrenta situação bastante semelhante. Isso porque temos uma herança histórica parecida. A colonização no continente foi predatória, com escravidão. A inclusão social dos negros no Brasil, por exemplo, ainda não se completou. Tanto que há políticas de cotas em algumas universidades brasileiras numa tentativa de superar esse legado. Sem contar que não conseguimos, na grande maioria dos países da América Latina, que a educação tenha uma política de Estado, independentemente das alternâncias no poder.

Como pode haver mais cooperação entre os países latino-americanos no âmbito da educação?

Apesar do legado semelhante, há numerosas diferenças entre os países, e elas merecem respeito. Mas as semelhanças podem contribuir para que haja parcerias ou, no mínimo, uma ampliação do debate acerca do futuro desses países, incluindo o chamado intercâmbio cultural. Não somos mais colonos do ponto de vista político, em sentido estrito, mas permanecemos colonos do ponto de vista cultural. Há soluções “domésticas”, que talvez possam ser mais úteis do que soluções importadas, mas ainda temos os olhos muito voltados para o Hemisfério Norte. Há alguns anos, publiquei um artigo na Argentina no qual eu defendia a criação de um programa como o *Erasmus* para nossa região. Ele estimula o intercâmbio de jovens universitários europeus dentro da União Europeia. Não vemos algo



Según la UNESCO, Brasil está en un nivel promedio de desarrollo si comparado con el resto de Latinoamérica en educación. Con las excepciones de Cuba y Chile, los demás países de la región enfrentan desafíos semejantes. ¿A qué usted atribuye eso?

De hecho, Brasil está promediando el nivel del resto de los países de Latinoamérica en términos de educación. Hay indicadores diferentes, como la tasa de analfabetismo, por ejemplo. Pero, la mayoría de los países latinoamericanos enfrenta una situación bastante semejante. Esto porque tenemos una herencia histórica parecida. La colonización en el continente fue predatoria, con esclavitud. La inclusión social de los negros en Brasil, por ejemplo, aún no se completó. Es tan evidente que hay políticas de beneficios en algunas universidades brasileñas en la tentativa de superar ese legado. Sin contar que no conseguimos, en la gran mayoría de los países de Latinoamérica, que la educación tenga una política de Estado, independientemente de las alternancias del poder.

¿Cómo puede haber más cooperación entre los países latinoamericanos en el ámbito de la educación?

A pesar del legado semejante, hay numerosas diferencias entre los países, y estas merecen respeto. Pero las semejanzas pueden contribuir para que haya asociaciones o, como mínimo, una ampliación del debate acerca del futuro de estos países, incluyendo el llamado intercambio cultural. No somos más colonos desde el punto de vista político, en sentido estricto, pero permanecemos colonos desde el punto de vista cultural. Hay soluciones “domésticas”, que tal vez puedan ser más útiles que las soluciones importadas, sin embargo, aún tenemos los ojos puestos en el Hemisferio Norte. Hace algunos años, publiqué un artículo en Argentina en el cual defendía la creación de un programa como el *Erasmus* para nuestra región. Éste estimula el intercambio de jóvenes universitarios europeos dentro de la Unión Europea. No vemos algo parecido por aquí, ni



parecido por aqui, nem no interior dos países, tampouco entre uns e outros. Isso é sintomático.

Os resultados do Ideb dividiram opiniões. Para uns especialistas, entre eles o próprio MEC, a superação das metas representa um grande avanço. Para outros, o índice apenas demonstra o quanto o país ainda está atrasado no campo da educação. Qual a sua avaliação?

O Ideb é um diagnóstico importante. O simples fato de realizá-lo é um avanço. A superação de metas também estimula. Mostra que os esforços para melhorar a educação no Brasil têm valido a pena. Mas não se pode deitar sobre os louros. É preciso ter consciência de que ainda há muito por fazer. O próprio MEC reconhece isso. É preciso lembrar que o governo federal não é o único ator importante desse processo. Também são protagonistas as administrações municipais e estaduais, além da sociedade civil e do empresariado. Para o Brasil alcançar patamares elevados, vai ser preciso o envolvimento de todos. Há desafios gigantescos, como a qualidade da educação e a formação continuada dos professores.

Recentemente, o IBGE divulgou um dado alarmante: um em cada cinco brasileiros é analfabeto funcional. Ou seja, a educação, mesmo quando chega, é insuficiente. Não basta saber ler e escrever. É indispensável, hoje em dia, ter conhecimento científico e tecnológico, por exemplo. Como sobreviver em uma sociedade altamente informatizada, e numa economia dependente de alta tecnologia e descobertas científicas, sem conhecimentos dessas áreas?

O senhor tem defendido a necessidade de uma política de Estado para a educação no Brasil. Em quais países o Brasil poderia se inspirar?

Há 30 anos, a Irlanda, pobre e com elevado índice de analfabetismo, estava entre os últimos lugares em educação na Europa. Quando teve a oportunidade de integrar a Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos

en el interior de los países, tampoco entre unos y otros. Esto es sintomático.


Los recientes resultados del Ideb dividieron opiniones. Para unos especialistas, entre ellos el propio MEC, la superación de las metas representa un gran avance. Para otros, el índice apenas demuestra cuánto el país aún está atrasado en el campo de la educación. ¿Cómo usted evalúa eso?

El Ideb es un diagnóstico importante. El simple hecho de realizarlo es un avance. La superación de metas también estimula. Muestra que los esfuerzos para mejorar la educación en Brasil han valido la pena. No obstante esto, no se puede pensar que todo está hecho. Es preciso tener conciencia de que aún hay mucho por hacer. El propio MEC reconoce esto. Es preciso recordar que el gobierno federal no es el único actor importante de este proceso. También son protagonistas las administraciones municipales y estatales, además de la sociedad civil y del empresariado. Para que Brasil alcance niveles elevados, va a ser preciso el comprometimiento de todos. Hay desafíos gigantescos, como la calidad de la educación y la formación continuada de los profesores.

Recentemente, el IBGE divulgó un dato alarmante: uno de cada cinco brasileños es analfabeto funcional. Es decir, la educación, hasta cuando llega, es insuficiente. No basta saber leer y escribir. Es indispensable, hoy en día, tener conocimiento científico y tecnológico, por ejemplo. ¿Cómo sobrevivir en una sociedad altamente informatizada, y en una economía dependiente de la alta tecnología y hallazgos científicos, sin conocimientos de estas áreas?

Usted ha defendido la necesidad de una política de Estado para la educación en Brasil. ¿En qué países usted cree que Brasil podría inspirarse?

Hace 30 años, Irlanda, pobre y con elevado índice de analfabetismo, estaba entre los últimos lugares en educación en Europa. Cuando tuvo la oportunidad de integrarse a la Comunidad Económica Europea, en 1973, los tres partidos políticos de la época debatieron y decidieron concentrar las inversiones en



da época debateram e decidiram concentrar os investimentos em saúde gratuita e de qualidade para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta. Resultado: a Irlanda, apesar da crise que atravessa agora, tem hoje um dos mais bem-sucedidos sistemas educacionais do mundo. A Espanha fez algo semelhante com o *Pacto de Moncloa*. Seu índice de analfabetismo parecia o do Brasil hoje. Foi quando resolveu priorizar a educação. Todos os governos posteriores mantiveram esse propósito, e a Espanha conseguiu erradicar o analfabetismo de adultos, universalizar a educação infantil e desenvolver um sistema universitário de qualidade. Agora, discute a reformulação da política de Estado para a educação. A Coreia do Sul, por sua vez, era um país rural pobre e com educação precária na década de 1960. Hoje, depois de investir sistematicamente em educação ao longo de quatro décadas, orgulha-se de ocupar o primeiro lugar em várias categorias.

Depois de anos à frente da UNESCO no Brasil, o senhor enfrenta novo desafio: a vice-presidência executiva de uma empresa do ramo educacional, responsável pela criação de uma nova metodologia de ensino de ciências, o programa CTC - Ciência e Tecnologia com Criatividade. Como o senhor vê o papel da iniciativa privada no sistema educacional brasileiro, tão marcadamente estatal?

Os desafios da educação no Brasil ainda são tão grandes que não há por que recusar o apoio da iniciativa privada. Sozinho, o Estado não consegue pensar, planejar, implementar e avaliar a educação brasileira. Ele precisa de aportes do setor privado, da sociedade civil, dos organismos multilaterais. Há ONGs contribuindo para o enfrentamento do analfabetismo no país. Há empresas pensando soluções inovadoras, como o CTC, voltado para o ensino de ciências, uma das lacunas na atual formação brasileira. O Sesi, a Fundação Bradesco, a Philips e o Instituto Sangari são exemplos de ação social das empresas na área educacional. Hoje, discutem-se muito as chamadas PPP - parcerias público-privadas. Elas podem e devem funcionar na educação também. ■

salud gratuita y de calidad para todos, educación de excelencia para todos y ciencia y tecnología de punta. Resultado: Irlanda, a pesar de la crisis que atraviesa actualmente, tiene hoy uno de los más bien sucedidos sistemas educacionales del mundo. España hizo algo semejante con el *Pacto de Moncloa*. Su índice de analfabetismo parecía con el de Brasil hoy. Fue cuando resolvió priorizar la educación. Todos los gobiernos posteriores mantuvieron este propósito, y España consiguió erradicar el analfabetismo de adultos, universalizar la educación infantil y desarrollar un sistema universitario de calidad. Ahora, discute la reformulación de la política de Estado para la educación. Corea del Sur, por su parte, era un país rural pobre y con educación precaria en la década de 1960. Hoy, después de invertir sistemáticamente en educación a lo largo de cuatro décadas, se enorgullece por ocupar el primer lugar en varias categorías.

Después de años al frente de la UNESCO en Brasil, usted enfrenta un nuevo desafío: la vicepresidencia ejecutiva de una empresa del ramo educacional, responsable por la creación de una nueva metodología de enseñanza de ciencias, el programa CTC - Ciencia y Tecnología con Creatividad. ¿Cómo ve el papel de la iniciativa privada en el sistema educacional brasileño, tan notoriamente estatal?

Los desafíos de la educación en Brasil aún son tan grandes que no hay razón para recusar el apoyo de la iniciativa privada. Solo, el Estado no consigue pensar, planear, implementar y evaluar la educación brasileña. Él precisa de aportes del sector privado, de la sociedad civil, de los organismos multilaterales. Hay ONGs contribuyendo para el enfrentamiento del analfabetismo en el país. Hay empresas pensando en soluciones innovadoras, como el CTC, orientado para la enseñanza de ciencias, una de las lagunas en la actual formación brasileña. El Sesi, la Fundación Bradesco, la Philips y el Instituto Sangari son ejemplos de acción social de las empresas en el área educacional. Hoy, se discuten mucho las llamadas PPP - asociaciones público-privadas. Ellas pueden y deben funcionar en la educación también. ■